

PROJETO GUIGNARD

Gracinda Toffolo é proprietária do Hotel Toffolo e residente em Ouro Preto.

Entrevista realizada em maio de 2001.

Gélcio: D. Gracinda, quais são as suas primeiras lembranças de Guignard?

Gracinda: Conheci Guignard aqui no Hotel, quando ele se hospedava no *Toffolo* e freqüentava muito o bar.

Gélcio: Você se lembra do ano, da época que Guignard chegou?

Gracinda: Não estou muito certa, não.

Gélcio: É difícil às vezes a gente lembrar datas. Guignard morreu em 1962. Oficialmente ele chega a Minas em 1944, para inaugurar o Instituto de Belas Artes, criado por Juscelino Kubitschek, em Belo Horizonte e, a partir daí, começa a freqüentar as cidades históricas, especialmente Ouro Preto.

Gracinda: O encontro foi aqui no hotel, quando ele tomava o café da manhã. Meus meninos gostavam de ir até onde Guignard ficava, porque estava sempre com o lápis rabiscando alguma coisa. Achavam estranho o modo como ele Guignard falava. Sua fisionomia às vezes podia inspirar até um pouco de receio para as crianças. Tinha a pele de um tom avermelhado. Era um homem de bom coração. Gostava de acariciar as crianças e sempre queria pintar, desenhar pra elas. Foi assim quando o conheci no hotel. E depois, quando ele vinha para o bar e ficava tomando seus conhaques. Era um hóspede maravilhoso.

Gélcio: Dizem que Guignard comia muito. Gostava de um bom café da manhã?

Gracinda: Gostava. E aqui era servido com muitas frutas. O café da manhã do *Toffolo* era excelente. Usava-se muito presunto, queijo, ovos mexidos. Era o que Guignard apreciava. E muito pão. Ainda temos a louça e os objetos de serviço utilizados por ele. É nossa intenção, futuramente, sinalizar a mesa em que costumava se sentar.

Gélcio: Como Guignard se vestia?

Gracinda: De maneira bem simples. Ele gostava de usar calças pretas, camisa branca, suspensório e correão. E às vezes as mangas dobradas quando a camisa não era de mangas curtas, para facilitar o seu trabalho na rua.

Gélcio: Nessa época havia muitos locais de hospedagem na cidade?

Gracinda: O primeiro hotel aqui foi o nosso e havia mais dois: um onde funciona a Prefeitura Municipal, na Praia do Circo, e o do José Rodrigues, próximo à Estação da Estrada de Ferro.

Gélcio: Por que os artistas se identificaram tanto com o Hotel Toffolo? Eu gostaria que falasse sobre isso. Sabemos que muitas personalidades se hospedaram aqui.

Gracinda: Eu tenho impressão que é pelo fato de ser muito bem localizado e ter uma linda vista. Os artistas diziam sempre que, para desenhar, não precisavam nem sair. De cada janela, de cada porta tinha-se uma visão maravilhosa, que poderia resultar num lindo quadro de Ouro Preto, feito a partir do prédio. Guignard ficava muito na sacada e inclusive vários quadros foram feitos da janela do refeitório, onde ele dizia que tinha um ângulo maravilhoso. Em Ouro Preto, a cada local que você vai, tem sempre um ângulo especial para se criar um quadro bem pintado. Tenho a impressão que os que aqui passaram e ficaram hospedados, se sentiam em casa e diziam sempre que o *Toffolo* tinha um astral muito bom. É por tudo isso que eu tenho a impressão que foi sempre muito procurado pelos artistas.

Gélcio: O hotel vai fazer 100 anos este ano?

Gracinda: Já fez. Com a mesma família. E muitos artistas passaram por aqui. Lembro-me de Guignard, de Takaoka, do Esteves, do Estevão. E os poetas Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira. O Manuel Bandeira fez um roteiro de Ouro Preto saindo do Hotel. Carlos Drummond de Andrade fez uma poesia para o *Toffolo*. O café da manhã era servido às sete horas, pontualmente, e ia até às nove. Depois vinha o almoço, de dez até meio-dia, uma hora. Às duas da tarde, um lanche que “seu” Toffolo oferecia e, às quatro horas era servido o jantar. À noite, às 21 h “seu” Toffolo tinha o costume de servir um chá ou um chocolate para os hóspedes, brinde da casa. Às 22 h não era mais permitido transitar pelos corredores.

Gélcio: Sobre a localização do Hotel, sabemos que nesse período a Rua São José era o centro da vida de Ouro Preto. Como era?

Gracinda: A Rua São José era local tradicional de Ouro Preto. Havia o *footing*, as pessoas passeavam aqui. Enquanto uns iam para o Largo da Alegria, outros vinham para o lado da Casa dos Contos. Essa era a trajetória do passeio, onde os casais de namorados se encontravam, muitos freqüentaram o bar. As famílias que por aqui passaram também tiveram o privilégio de usufruir da vida maravilhosa de Ouro Preto nessa época.

Gélcio: Vemos, na parede do bar do Hotel, o belíssimo painel do Takaoka - os cavalos. Acho curioso o fato de vocês não terem nenhuma obra de Guignard, já que ele presenteava tanto os amigos e, com certeza, vocês fizeram uma amizade e auxiliaram bastante Guignard no período. O que nos diz sobre isso?

Gracinda: Guignard não tinha com quem conviver em Ouro Preto que pudesse dar a ele um abrigo. Aqui ele recebeu o seu quartinho, com todo o conforto, isto é, na medida do possível e recebeu refeições. E todo o carinho da família. Ele era como se fosse uma criança; quando demorava, era preciso ir atrás dele. Não temos nenhum quadro dele. Ele quis, inclusive, fazer o retrato de toda a minha família, quis deixar quadros aqui. Mas o meu marido era “sistemático” e achou que podia parecer que estávamos nos aproveitando da presença dele aqui para cobrarmos a estadia e a alimentação. Por isso jamais aceitou

ficar com um quadro. Mas ele, sim, sempre insistiu em fazer retratos dos meus filhos, do meu marido, do meu sogro e o meu. Meu marido achava que isso não era correto.

Gélcio: Qual era a bebida predileta de Guignard?

Gracinda: O conhaque *Presidente*. E o charuto, que ele não dispensava. Tanto é que nós tínhamos muito cuidado por causa do quarto, por causa dele ficar fumando. Ele sempre teve a sua personalidade. Tanto sóbrio, quanto ao beber mais um pouco. Não ficava alterado no Hotel. Sabia tratar bem a todos, sabia conversar. E, quando bebia, queria dormir.

Gélcio: Qual era a duração dessas hospedagens?

Gracinda: Eu me lembro que ele ficava boas temporadas. Principalmente quando chegou, como se diz, sem ter nada. Aqui ele conseguiu carinho, conseguiu morar, fazer os seus belos quadros. Depois voltava pra Belo Horizonte. Ficavam no Hotel períodos aproximados de um mês.

Gélcio: Como é que ele levava esses quadros para Belo Horizonte?

Gracinda: Havia uma pessoa da qual não me lembro bem, que sempre vinha de automóvel para buscá-lo.

Gélcio: Você se lembra de algum problema de saúde mais sério durante esse período?

Gracinda: Não, aqui no Hotel, não.

Gélcio: Ele era uma pessoa saudável?

Gracinda: Muito saudável, era um homem vermelhão e sempre muito carinhoso. Conversava com a gente e, muitas vezes, pedíamos para repetir, pois não era fácil entender o que falava, em razão da dificuldade na boca.

Gélcio: A definir, hoje, um lugar de Guignard em Ouro Preto, onde seria?

Gracinda: Guignard frequentava principalmente o Antônio Dias, seu ponto principal. E também o Pilar, gostava muito de paisagens, de igrejas.